O Bicentenário de Nascimento do Senador Pompeu[1]

Angela Gutiérrez*

Como epígrafe às palavras com que relembrarei quem foi o homem que hoje celebramos, nos duzentos anos de seu nascimento, leio pequeno trecho da oração pronunciada na tarde de 2 de setembro de 1877, pelo escritor e jornalista João Brígido, logo após o sepultamento de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, falecido na manhã daquele mesmo dia, um domingo, aos 59 anos de idade:

> *O Ceará, direi, o paiz inteiro, o tinha na maior veneração [...]Si alguma offerenda deve testemunhar o nosso pezar neste momento, seja um juramento sobre essa campa sagrada, de que procuraremos...*

* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará

[1] Cumprimento os ilustres membros da Mesa de Honra, o Presidente do Instituto do Ceará, Lúcio Gonçalo de Alcântara, o Presidente da Academia Cearense de Letras, Ubiratan Aguiar, o Presidente da Associação Brasileira da Bibliófilos, José Augusto Bezerra, a Presidente da Academia Fortalezense de Letras, Fernanda Quinderé, o Prefeito do Município de Senador Pompeu, Maurício Pinheiro. Distingo a vinda de comitiva do Município de Santa Quitéria, tendo à frente a Primeira Dama, Cândida Figueirêdo. Saúdo, cordialmente, os membros das instituições e entidades a que pertenço - Universidade Federal do Ceará, Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras, Associação Brasileira de Bibliófilos, Sociedade Amigas do Livro. Cumprimento os membros de todas as instituições universitárias e entidades culturais e científicas de nosso Estado aqui presentes, ressaltando os ex-reitores da UFC, René Barreira e Antônio Albuquerque Filho, e da UECE, Cláudio Régis Lima Quixadá e Manassés Fonteles; o grande número de representantes da Academia Cearense de Medicina e de professores universitários da UFC e da UECE. Dirijo saudares afetuosos a meus irmãos, primos, sobrinhos, filhos, netos, descendentes do Senador Pompeu. Beijo meu marido Oswaldo Gutiérrez, amado e amigo. Permitam-me dedicar essa tarde-noite a alguns habitantes da minha saudade: a meu pai, Luciano Cavalcante Mota, admirador do Senador Pompeu e de sua obra, e a três dignos bisnetos do Senador Pompeu: minha mãe, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, que sempre embalou minha infância com histórias da família, assim como o faziam meus tios queridos Maria de Lourdes Pompeu Rossas Freire e Thomaz Pompeu Rossas.

> *imital-o não, que de todo fora impossível, sem os dotes daquele espirito previlegiado, mas seguil-o de longe, apresental-o como um modelo, a quem os céus fizeram a graça das raras faculdades, que dispõem á imortalidade pelo heroísmo.*[2].

Senhoras e Senhores,

Em terras da Ribeira do Acaraú, molhadas pelo rio Jacurutu, no sertão noroeste da Província do Ceará, nascia, há dois séculos, um menino que receberia na pia batismal o nome de seu pai, Thomaz. O grande amor por sua sofrida terra natal guiaria seus passos na vida de incessante luta pelo bem do Ceará; o profundo senso de justiça e de dever, o espírito religioso e destemido moldariam a firmeza de seu caráter, inscrevendo-o na história daqueles que combateram, e não é exagerado o termo, no Senado do Império, por leis e ações mais justas para o país e, em especial, para sua região Nordeste, àquela época chamada de Norte; a inteligência excepcional e a ininterrupta dedicação aos estudos e pesquisas o fariam brilhar entre os brasileiros de seu tempo e construiriam, em várias áreas do conhecimento, rico legado para seus contemporâneos e para os estudiosos de tempos posteriores. Seu exemplo de probidade e devoção às causas públicas urge ser lembrado nesse momento em que vivemos, quando ética, amor ao Brasil e preocupação com o povo brasileiro pouco florescem em nosso atribulado cenário nacional.

Ao longo do tempo, muitos estudiosos vêm cobrando aos cearenses a biografia desse homem de exceção, Thomaz Pompeu, entre eles, Nertan Macedo, que lamenta, em 1967: "Pena que ninguém, até hoje, tenha escrito uma biografia completa do grande chefe liberal do século passado, cuja palavra alcançava profunda ressonância no seio do Senado do Império"[3]. Não lhes apresento agora, porém, a esperada biografia de Thomaz Pompeu, não só pelo evidente limite de tempo desta fala, como porque, para intentar a missão ambiciosa de contar a vida de um homem da estatura moral, científica e cultural do Senador Pompeu seria necessário, seguindo o próprio exemplo desse sábio, como tem sido muitas vezes chamado, um mergulho profundo, por anos talvez, em pesquisas sobre o itinerário que percorreu no mundo, vasto mundo, de seus saberes e de sua vida.

A Ata da sessão solene do Instituto do Ceará, realizada em 2 de setembro de 1977, no centenário de falecimento do Senador Pompeu,

---

[2] Transcrito do jornal Cearense, 4 de setembro de 1877, primeira página.

[3] O Clã de Santa Quitéria, p.51.

registra que um representante da família comunicara "sua disposição de confiar ao Instituto as Memórias do Senador Pompeu com autorização para publicar"[4]. Se esse documento realmente for confiado ao Instituto, será possível aquilatar sua importância para a história de Thomaz Pompeu e de seu tempo.

Na programação da sessão de hoje em que o Instituto do Ceará, presidido pelo reconhecido intelectual Lúcio Alcântara, promove a abertura das comemorações do Bicentenário de Nascimento de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Senador Pompeu, em parceria com a Academia Cearense de Letras e apoio da Universidade Federal do Ceará, e de outras entidades, veremos em lugar de honra do Palacete Jeremias Arruda, sede do Instituto, o retrato do ilustre cearense, representado na maturidade e sabedoria dos seus 56 anos, conforme data de 1874, assinalada na tela. Percebemos, de imediato, nessa imagem, criada na técnica óleo sobre retrato, os traços de austeridade no vestir e no semblante, própria do homem Thomaz, traduzindo seu modo de comportar-se, consciente de suas responsabilidades como líder político e parlamentar que atuava sobre a realidade de seu tempo.[5]

Aqui, da tribuna que ora ocupo, buscarei traçar algumas das linhas mais marcantes de um retrato escrito, possível, do Senador. Se não posso captar ao vivo, como em uma entrevista, suas ideias, seus sentimentos, suas intenções, posso usar instantâneos de sua vida, como algumas páginas soltas e incompletas de seus diários, transcrições de suas falas no Parlamento, sobretudo no Senado do Império, uma que outra carta de seu próprio punho, referências publicadas de pessoas que o conheceram pessoalmente, suas obras, seu testamento, informações em livros, jornais e revistas, ou documentos para comporem uma foto a ser coberta a cores.

Retornemos, pois, ao menino Thomaz, filho de Thomaz de Aquino Souza, Capitão de Milícias, e de Geracina Isabel Pinto Souza, nascido em

---

4 *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, vol.97, Jan./Dez. de 1977, p.409.

5 Se recordarmos, com Walter Benjamin, em "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", a polêmica que surgiu, no século XIX, entre pintores e fotógrafos, quanto ao valor respectivo de suas obras, em que a pintura seria arte, subjetiva, e a fotografia, técnica, passível de ser reproduzida. No caso do retrato do Senador Pompeu a que aludi, a pintura em cores foi realizada sobre uma fotografia em preto e branco, a foto registrou os traços, digamos, reais, do retratado e a pintura a óleo guiou-se pelos traços delimitados na fotografia, de certa forma restringindo a subjetividade do pintor. Entendemos hoje que fotografia e pintura exigem subjetividade e técnica, revelando valor de culto, e mantendo a imagem de um homem para o futuro, a fotografia suprindo, possivelmente, nesse caso, a ausência do modelo posando ao vivo para a pintura do retrato e atuando como palimpsesto desse retrato pintado.

6 de junho de 1818, em Santa Quitéria, cinco anos antes que essa povoação fosse elevada à freguesia pertencente à Vila de Sobral. Criança de peito, antes de completar dois meses, em 26 de julho, o menino foi batizado na Capela dedicada a Santa Quitéria, invocação que deu nome à futura cidade, berço de quem seria um homem-marco na História do Ceará.

Em suas veias corria sangue português, seja pelo lado materno, seja pelo lado paterno. Era seu bisavô, avô de sua mãe, João Pinto de Mesquita, português da Província do Minho, filho de Simião Pinto de Mesquita e de Isabel Maria de Moura, nascido em primeiro de julho de 1700, na Quinta de Refontoura, na Freguesia de São Miguel de Gêmeos, em Celorico de Basto, Arcebispado de Braga.

João Pinto de Mesquita chegou ao litoral nordeste do Brasil nas primeiras décadas do século XVIII, com pouco mais de vinte anos, com certeza antes de 1726, pois nesse ano casou-se, em Natal, com a irmã de Antônio Rodrigues de Magalhães, considerado Fundador de Sobral, Dona Teresa Rodrigues de Oliveira. O jovem português João seguiu o caminho das terras de dentro do Ceará para tomar posse da sesmaria que lhe fora concedida na Ribeira do Acaraú. Às margens do Jacurutu ou Jucurutu, plantou sua casa e sua fazenda de criação e tornou-se, com o passar do tempo, respeitado em toda a região, tendo assumido altos cargos: Juiz Ordinário da Ribeira do Acaracu (eleito em 1748, 1752, 1760, 1764), Sargento Mor da Cavalaria do Regimento do mesmo distrito (Carta-Patente de D. José, de 1755), Comandante Mor da Povoação de Caiçara (1765), entre outros. Veio para o Brasil acompanhado de seu irmão, Manoel Santiago Pinto, que seguiu para Vila Viçosa Real das Américas, casando-se com Dona Luísa Pereira de Santiago, de origem tabajara. Como João Pinto de Mesquita, posteriormente considerado o Patriarca de Santa Quitéria, seu irmão deixou, além de muitas propriedades, vasta descendência, que se estendeu pela região da Serra de Ibiapaba.

De antiga família portuguesa, que recebera título de nobreza e brasão por devotamento à pátria e ao rei de Portugal, Dom Afonso V, João Pinto de Mesquita descendia de um dos cinco irmãos cavaleiros que lutaram na tomada da Cidade de Arzila, no norte da África, em 1471[6].

[6] Segundo o genealogista português, Visconde Sánchez de Baiena, consultado por Nertan Macedo e citado em seu O Clã de Santa Quitéria, Manuel Bacelar Pinto de Mesquita, avô de João Pinto de Mesquita, era tetraneto de Lázaro Pimentel de Souza Mesquita, um dos cinco irmãos antes aludidos.

Ainda pelo lado materno, a mãe de Thomaz, Geracina Isabel Pinto Sousa, neta de João Pinto de Mesquita, era filha de Izabel Mesquita e de José Luís Pestana de Vasconcelos, português de Funchal, filho do contratador real Manoel Luís Pestana Garcez, que gozava de boa posição social na Ilha da Madeira, e de Antônia Maria de Vasconcelos Castelo Branco, ambos de Funchal. José Luís, no entanto, por motivos que seria longo agora comentar, apresentara-se na Província do Ceará como Caetano César de Ataíde Polinardo, nome com que contraiu matrimônio, em 9 de junho de 1770, na Igreja Matriz de São Gonçalo da Serra dos Cocos, com Izabel Mesquita. Cerca de dez anos e três filhos depois, esse casamento foi considerado nulo. Por seus conhecimentos de Direito, faculdade que cursou por quatro anos na Universidade de Coimbra, por suas maneiras finamente educadas, pelo modo convincente de falar e jeito envolvente de fazer amizade e por sua incomum cabeleira ruiva, o avô Pestana, que Thomaz não chegou a conhecer, não passava despercebido em terras brasileiras e, como romancista, devo dizer que seria excelente modelo para um personagem de ficção, que, quem sabe, poderei um dia criar.

Pelo lado paterno, o ramo da família lusitana de que provinha Thomaz de Aquino, pai de Thomaz Pompeu, tem início em terras brasileiras com Francisco Pinheiro Teixeira, nascido em Arrifana de Souza, hoje, Penafiel. Nos livros paroquiais da Igreja de São Martinho, consta que Francisco, filho de Gonçalo e de sua mulher Maria Teixeira foi batizado pelo Padre Manoel Delgado, aos 8 de agosto de 1678. [7] Casando-se no Brasil, com Maria Conceição de Barros, nascida em Natal, Francisco gerou doze filhos, entre esses, Tecla Rodrigues Pinheiro que, unindo-se em matrimônio a Francisco de Souza Oliveira, deu à luz Antônio José de Souza Oliveira, que veio a casar-se com Joana Pereira de Melo. Desse casal, nasceu Thomaz de Aquino de Souza.

Em seu livro, *A colonização portuguesa no Ceará*, de 1993, nosso consócio Vinicius Barros Leal, já falecido, alude a um padrão dos lusitanos que vieram estabelecer-se no nordeste brasileiro:

> A procedência dos continentais era, quase que exclusivamente, do Norte de Portugal. Do Porto, Braga e Minho era a grande maioria [...] Os nossos colonizadores eram de boa procedência e procedimentos, de famílias organizadas e ordeiras e de bons costumes. Aqui logo

[7] Informação que não achei publicada, e foi pesquisada e encontrada por Oswaldo Gutiérrez Filho.

> surgiram os casamentos [...] com filhas de patrícios primeiramente chegados. Boa parte deles conseguia sesmarias, pois já se iniciara a distribuição de terras. (p.99)

Como podemos observar, os ascendentes portugueses de Thomaz podem ser incluídos nesse modelo de colonizadores, não só quanto a região de origem mas, especialmente, quanto a procedimento, como é comprovado com relação aos Pinto de Mesquita, quando Nertan Macedo alude ao caráter pacífico dessa família: "o clã, numeroso, rico e fidalgo, não produziu [...] cangaceiros e valentões, vingadores do rifle e do punhal" (p.19).

Se deixarmos a imaginação solta, voando sobre os dados da realidade histórica em que viveu o menino Thomaz, nascido nas terras de sesmarias concedidas a seu bisavô materno, poderíamos recriar o ambiente agreste do sertão de Santa Quitéria, quem sabe os banhos do menino no rio Jacurutu; seus primeiros estudos, sentado ao lado do pai, diante de escrivaninha ou de mesa onde a família se reunia para as refeições; algum passeio à Fazenda Jacurutu Velho, onde viveu seu bisavô e faleceu em 23 de março de 1782, 36 anos antes do nascimento de seu bisneto Thomaz. Lembraríamos a infância do menino na Freguesia de Santa Quitéria, criada em 1823, que surgira em torno da Fazenda Cascavel, presente de casamento do patriarca a seu filho que herdou seu nome, João Pinto de Mesquita, tio-avô do menino.

Saberia Thomaz que esse mesmo tio-avô doara terreno para a construção da Capela de Santa Quitéria, onde, um dia, seus pais o levaram para ser batizado pelo Reverendo Padre Urbano Pessoa de Albuquerque Montenegro?

Antonio Bezerra, em suas *Notas de Viagem*, recorda a visita que fez a Santa Quitéria, em 1884, quando observou a extrema simplicidade da casa em que Thomaz vivera com os pais. Leiamos as impressões do escritor para que não se estratifique a ideia de que o futuro senador, sendo de origem nobre, teria vivido sempre com largueza e em riqueza:

> Eu não cansava de admirar aquele casebre, que abrigava na primeira idade senão o maior gênio da Província, ao menos o seu melhor amigo. [...] Vicissitudes da vida! Do quieto remanso deste retiro, abrigado a um canto da aldeia, ergueu-se o moço sertanejo à sumidade das posições sociais e da imortalidade. Todos lhe devemos reconhecimento, pois que enquanto o animou o sopro da vida, foi

> sua incessante aspiração pugnar pelos interesses e prosperidade da terra natal. [...] Nem a posição, nem a fortuna o transviaram do dever que se impusera de a amar do imo d'alma, muito embora açoitada das calamidades da seca; pelo que lhe cabe a glória de ter satisfeito o pensamento de Camões na estrofe estampada na primeira página do seu *Compêndio de Geografia*: 'Eu desta glória só fico contente, / Que a minha terra amei e a minha gente'. Foi nisto sincero até o fim da vida.

Conheceria o menino de Santa Quitéria as histórias da Revolução de 17, acontecida um ano antes de seu nascimento, em que o primo-irmão de seu pai, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, padre Miguelinho, participaria e seria condenado a morrer arcabuzado, no Campo da Pólvora, em Salvador da Bahia? Aos seis anos, tomaria conhecimento das notícias da Confederação do Equador, que eclodiu em 1824, e abalaria a vida de sua família, não só porque outro primo-irmão de seu pai, Ignácio de Loyola Albuquerque e Melo, o audaz Padre Mororó, grande orador e herói dessa revolução, seria também condenado à morte e fuzilado no Campo da Pólvora, em Fortaleza, no ano de 1825, como porque, ainda em 24, a família de Thomaz seria obrigada a sair de Santa Quitéria? Tendo Thomaz de Aquino subscrito a Ata do Grande Conselho, em 26 de agosto de 1824, marco na história da Confederação do Equador, ficara assinalado como *patriota*, cognome que os confederados usavam entre si, como cumprimento, mas, para os imperialistas de então, era sinônimo de inimigo do rei, sofrera ameaças e, mesmo, atentado à sua vida e a dos membros de sua família. Ao retornar a suas terras em Santa Quitéria, a família encontrou-as devastadas, o gado morto, pela ação da seca, da perseguição política e, mesmo, como nos conta o Barão de Studart, em seu *Diccionario Biobibliographico Cearense*, "afim de evitar os bandos de facínoras, que sob o comando de um tal Benedicto faziam mil depredações no sertão, seus paes foram constrangidos a emigrar em Junho para Sobral. A peste da varíola, que appareceu em Abril de 1826, obrigou-os a regressarem para S. Quitéria, mas de novo, em 1827, mudarem-se para Campo Grande".

Naquele tempo, o menino Thomaz teria ouvido falar no nome de Dona Bárbara de Alencar e de seus filhos, José Martiniano, Carlos, Tristão? Lutas, cárceres, mortes...Talvez, já adulto, ao entrar no Partido Liberal, chefiado por José Martiniano de Alencar, Thomaz tenha lembrado de sussurros e murmúrios da infância. Aquele homem, Senador Alencar,

antes humilhado, fora depois deputado nas Cortes de Lisboa, presidira o Ceará, tomara posse no Senado do Império em 1832, ano de morte de sua mãe, Bárbara, reunira os maioristas em sua casa e tramara, com êxito, a favor da Maioridade do Príncipe Dom Pedro, em 1840. Sim, creio que ao longo da vida, a Confederação esteve nos pensamentos de Thomaz. Muito mais tarde, em 1824, seu filho, Dr. Thomaz Pompeu, como presidente do Instituto do Ceará, em solenidade promovida pela instituição, no Theatro José de Alencar, no centenário da Confederação do Equador, pronunciou discurso de que retiro um fragmento: "A filosofia da História pode condenar a precipitação dos movimentos que sucumbem, mas a consciência humana glorifica a sinceridade e coerência dos lutadores infelizes. Honremos neles o caráter, que é a fidelidade à causa vencida"[8].

Perceberia, certamente, o menino Thomaz que, embora oriundo de gente abastada, sua família passa a viver muito modestamente, de pouco lhe valendo ser sua mãe, Geracina Isabel, neta do patriarca João Pinto de Mesquita. Alguns anos depois, aguardavam-no outras mudanças em sua vida. Talvez ficasse triste o rapazinho Thomaz ao transferir-se para Sobral, sendo tão apegado ao pai e à mãe, sentimento de amor que confessa na vida adulta. Ouçamos suas palavras em "Notas de Um Caderno de Lembranças", que Nertan Macedo, publica como anexo a seu *O Clã de Santa Quitéria*, já mencionado: "A 23 de fevereiro de 1834, iniciei-me nos estudos de gramática latina, em Sobral, com o Professor, meu tio, Gregório Francisco Torres de Vasconcelos, tendo 16 anos de idade, e saí no fim do ano de 1835". Por esse "Caderno", conhecemos as datas da longa viagem de Thomaz com destino a Olinda, onde cursaria o Seminário e a Academia de Direito; que recebera amparo da família materna para suas primeiras despesas e, que, em Olinda, beneficiara-se por um ano de loteria que então existia para dar apoio a estudantes pobres. Para que se possa imaginar o esforço expendido pelo jovem de 18 anos nessa viagem marítima na costa brasileira, em embarcação rudimentar e despida de conforto, o patacho *Eliza*, verifiquemos que, na travessia de Fortaleza a Recife, Thomaz passou quase cinquenta dias no mar, de 10 de agosto a 27 de setembro de 1836. No já citado *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, o Barão de Studart informa que essa viagem foi penosíssima. Em suas palavras: "como havia mantimentos apenas para 20 dias, a fome sobreveio, mantendo-se a tripulação quase à custa de pescaria". No mesmo

[8] Apud J.C.Alencar Araripe, Alencar, O Padre Rebelde.p.81.

"Caderno" em que Thomaz anota datas e fatos de sua vida, quase sempre, sem comentários, nem referência a seus sentimentos, a narrativa de um acontecimento destaca-se, exatamente, por sua escrita emocional. Leio esse pequeno trecho:

> Tive notícia da morte do meu pai, no dia 24 de dezembro de 1839; a mais pungente dor assoberbou o meu coração e eu fiquei como estúpido! Nunca a dor foi mais, nunca o sofrimento foi maior! A notícia me foi dada inopinadamente em Olinda pelo meu colega de estudos Braga Júnior, que às três horas da tarde entrou-me pelo sobrado acima, trazendo-me a notícia fatal e uma carta de meu tio. Muitos dias antes, meus sonhos eram perturbados e se me anunciavam a morte da pessoa que me era mais cara do mundo. Morreu em Vila Nova, longe de sua casa, de sua família, longe de mim, de seu filho mais caro. É verdade um filho fechou-lhe as pálpebras, mas qual não seria nossa consolação se ele morresse no seio da sua família e na sua casa! O dia 23 de novembro, em que faleceu, foi o dia fatal em que o céu roubou-nos o que tínhamos de mais querido no mundo, mas resignemo-nos porque quem o chamou foi quem lhe deu o ser, e Ele não destrói só pelo prazer de destruir. A religião nos eleva a destinos mais nobres e mais sublimes, e esta idéia basta para levar a consolação a uma alma cristã!

Tendo cumprido com excelentes resultados seus estudos no Seminário de Olinda, recebeu a ordem de Presbítero, no dia 18 de setembro de 1841, no Palácio da Soledade e, em novembro do mesmo ano, foi aprovado em concurso para professor substituto da Cadeira de Teologia no Seminário. Na Academia Jurídica de Olinda, em que se matriculara em 1839, foi aprovado como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1843. Todos as informações sobre professores, cadeiras, currículos, provas foram anotadas com riqueza de detalhes em seu já citado "Caderno", assim como a data de sua saída de Pernambuco em retorno ao Ceará, 23 de novembro de 1843, chegando a Santa Quitéria, "muito doente de sezões a 12 de dezembro". Depois de viagens ao Ipu e a Sobral, em 1844, e volta a Santa Quitéria, relata que chegou ao Ceará (leia-se Fortaleza) a 16 de janeiro de 1845.

Por suas próprias palavras, sabemos que, de início, aqui ficou a contragosto, pois pretendia retornar a Olinda e ao ensino de Teologia: "Fui provido nas Cadeiras de Geografia e História e Diretor do Liceu do Ceará [...] com muito pouca vontade de minha parte, e só para anuir aos desejos de minha família, que não queria que eu continuasse fora do Ceará [...]".

Em Fortaleza, Thomaz Pompeu assume diferentes papéis: retoma o de professor, desta vez, de Geografia e História, no Liceu, instituição de que, a convite do Presidente da Província, Inácio Corrêa de Vasconcelos, seria o Diretor-fundador, cargo que implicava também o de Diretor da Instrução Pública do Ceará, entusiasmando-se com a preparação de currículos e normas do Liceu, criado pela Lei n.304, de 15 de junho de 1844, e dedicando-se à estruturação da instrução pública na Província; passa a redigir no jornal *Cearense*, em 1846, que também vem a dirigir, a partir de 1850; exerce a advocacia, liga-se ao Partido Liberal, a que sua formação em Olinda já o preparara, seguindo carreira parlamentar como deputado provincial, deputado geral e, finalmente, senador, em 1864, e torna-se líder ou Chefe, como se dizia à época, do partido no Ceará, em 1860, por indicação de José Martiniano de Alencar, e em sua substituição, pois, nesse mesmo ano, Alencar viria a falecer. E durante todo esse tempo, ou sem-tempo, Pompeu lia, pesquisava e escrevia diariamente sobre o Ceará.

Dedicava-se a cada uma dessas funções como se fosse única. Não existindo compêndios de Geografia e História para que seus alunos lessem, escreve *Princípios Elementares de Cronologia para uso do Liceu do Ceará* (1850), *Elementos de Geografia*, *Compêndio Elementar de Geografia Geral e Especial do Brasil* (1857), este último adotado pelo Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, e por todos os liceus e seminários do país. Como diz Raimundo Girão, depois de comentar as ações pioneiras de Thomaz Pompeu como professor e como Diretor do Liceu e da Instrução Pública:

> *Por essas razões é que, escrevendo alhures, considerei Tomás Pompeu o fundador da Cultura Cearense, visto como foi da atuação altamente positiva do Liceu nos meios intelectuais de nossa terra que saiu a pura expressão de nossas atividades mentais aprimoradas. Daí surgiu um Ceará culturalmente novo [...] só isto o faria um merecedor excepcional da gratidão dos seus conterrâneos. Mas, na verdade, ele fez muito mais*[9].

Nomeado vigário geral forâneo, portanto representante administrativo da Diocese no Ceará, exerceu esse cargo por oito anos, como diz em seu famoso testamento: "por obediência ao respectivo prelado, Bispo de Pernambuco e de que obtive exoneração em 1860"[10] .

[9] Raimundo Girão. *Senador Pompeu* (1877-1977), p.13.

[10] Na *Revista do Instituto do Ceará*, de 2012, o sócio efetivo da instituição, Geová Lemos

Ao vir morar em Fortaleza, Thomaz conhece Felismina Carolina Filgueira, sobrinha-neta de Pereira Filgueiras e, sabendo que não poderia oferecer-lhe matrimônio, intentou evitar qualquer aproximação com a jovem, mas a avó da moça fez-lhe saber que daria permissão aos dois para constituírem lar e família, o que deve ter acontecido em 1845, pois, é tradição oral que Felismina teria 18 anos ao unir-se a Thomaz e o primeiro filho do casal nasceu em primeiro de setembro de 1846, tendo falecido a 6 de dezembro do mesmo ano, como registra Thomaz Pompeu em seu "Caderno de Notas".

Permitam-me algumas referências em que me cito: Em meu primeiro romance *O mundo de Flora*, narro, ficcionalmente, o episódio no fragmento "dona Carolina", aproveitando-o tal como minha memória infantil, repleta de histórias da família e da cidade, o guardara e, claro, adicionando-lhe os dados exigidos pela verossimilhança que, no dizer de Machado de Assis, pela voz de Dom Casmurro, "é muitas vezes toda a verdade"[11]. No livro *Francisco Sá, Reminiscências*, os autores, membros da família do senador e ministro mineiro, casado com Olga Pompeu Acioly, neta do Senador Pompeu, referem-se ao mesmo episódio, de forma graciosa. Se, no romance *D. Guidinha do Poço,* de Oliveira Paiva, como desvendou Ismael Pordeus em *À Margem de Dona Guidinha do Poço*, a figura do Padre Brasil inspira-se no Padre Thomaz Pompeu, sobretudo como advogado, em *O mundo de Flora*, o Padre Tomé Romeu, que aparece como personagem lembrado em vários ocasiões, inspira-se também no Padre Thomaz Pompeu, inclusive na possível cena de seu velório, o fragmento "pai padre", quando Dr. Tomé Romeu, o filho, obedece à vontade do pai, registrada em testamento, de ser sepultado com suas vestes talares. Em *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*, outro romance de minha autoria que dá continuidade à trama, com retorno ao passado, tia Branca, heroína favorita da menina Flora é fio condutor da trama desde a abertura da cena inicial,

Cavalcante, publica "O testamento e o inventário do Senador Pompeu", com pertinentes comentários e ressaltando o seguinte trecho do documento: "Em qualquer parte que venha a falecer quero ser sepultado no Cemitério público em meus hábitos talares; e lembro a meus filhos que façam recolher meus ossos em uma urna para terem presente a minha memória, a fim de nela se inspirarem, não em virtudes, que não tenho, mas nos sentimentos e pratica de honradez, e probidade particular e política; e a este respeito peço a Deus que lhes dê tanto quanto me deu até hoje".

[11] Machado de Assis. Dom Casmurro. Obra Completa: Rio de Janeiro: Aguilar, p.819, v.1. (Organização Afranio Coutinho)

no Passeio Público, quando Branca relembra outra cena em que está ao lado de personagens secundários que comentam sobre o baobá do Passeio Púbico, dizendo que fora plantado pelo senador, seu avô, e comentam que, naquela praça correra sangue da família, sangue do Padre Mororó.

A respeito de Felismina Carolina, como personagem da História, pouco se tem publicado, bem de acordo com seu modo de ser reservado. Em seu testamento, Tomaz Pompeu declara: "por fraquesa humana tirei uma moça da companhia de sua família, D. Felismina Carolina Filgueira, com quem tenho vivido de portas a dentro e de quem tive quatro filhos vivos". Há referência no artigo "Os Pompeus, Família Ilustre", publicado por Raimundo Girão, na *Revista da Academia Cearense de Letras*: "De sua companheira de trabalho e vitórias, mulher de fina educação, lendo no original os livros franceses - Felismina Carolina Filgueiras[12] (Mãe-Mina), n. 1827 e f. 22.8.1905 (filha de Maria Escolástica Vieira e Manuel Inácio Filgueiras), vieram quatro filhos, afeitos aos bons princípios da dignidade pessoal, ilustrados e ilustres nas Letras, nas Ciências, na Técnica e na Política, formando ele e seus descendentes uma estirpe que se inscreveu na vida cearense e na vida nacional como padrões de justo acatamento e admiração".

Os quatro filhos do Senador, acima aludidos, foram: Maria Thereza, conhecida como Maroca, nascida em 1849, que veio a casar-se com Antônio Nogueira Acioly, posteriormente presidente do Ceará, amplamente conhecido; Antônio, de 1851, formou-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, mas, conhecedor de Mecânica, foi responsável por escolher na Europa as máquinas mais modernas para o estabelecimento da fábrica de tecidos, *Pompeu & Irmãos*. Casou-se com Ambrosina Alves Pequeno, com quem teve vários filhos, entre esses, o engenheiro formado pela Escola de Minas de Ouro Preto, Thomaz Pompeu Sobrinho, Presidente Perpétuo desta Casa, tendo presidido também a Academia Cearense de Letras, intelectual respeitadíssimo como humanista, antropólogo, etnógrafo, estudioso de línguas indígenas; o terceiro filho do Senador, Thomaz, de 1852, bacharel em Direito, formado em Recife, advogado, pesquisador, presidente-fundador da Academia Cearense de Letras, presidente do Instituto do Ceará, diretor-fundador da Faculdade de Direito, autor de obras de grande valor, como *O Ceará no Centenário da Independência*, de 1922,

[12] Em algumas publicações e documentos o sobrenome de Felismina Carolina vem escrito como Filgueira, em outros como Filgueiras.

casou-se com Angela Rossas Teixeira Pompeu, de quem nasceram quatro filhos, sendo a caçula Laís Pompeu Rossas, minha avó, de coração nobre e alma profundamente franciscana; o quarto filho do Senador Pompeu, Hildebrando, de 1853, formou-se em Engenharia de Matemática, também no Rio, exerceu cargos técnicos na Estrada de Ferro de Baturité, na Comissão de Açudes e das Obras Públicas, e no Porto de Fortaleza. Entre os numerosos filhos de seu casamento com Lídia de Menezes Alves, ressalto Lea Pompeu, que se casou com o advogado Raimundo Gomes de Matos, tendo-lhes nascido Tomás Pompeu Gomes de Matos, entusiasta cultivador da memória do Senador, seu bisavô[13].

Como estudioso do Ceará, Thomaz Pompeu, futuro Senador do Império, além de artigos numerosos, escreveu vários livros, como *Memória sobre a estatística da província do Ceará* (1857); *Memória sobre a conservação das matas e arbocultura como meios de melhorar o clima do Ceará* (1959); *Sistema ou configuração orográfica do Ceará* (1877); *Memória sobre clima e secas do Ceará* (1877), e aquele que foi considerado por muitos estudiosos como a obra maior o século XIX sobre nossa terra e é até hoje documento-fonte para os estudiosos da área: *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, publicado em 1863-1864, com 1169 páginas, distribuídas em dois tomos.

[13] Diante de equívocos que acontecem com frequência, em referências feitas a grandes personalidades da mesma família, conhecidas como Thomaz Pompeu, emito o seguinte esclarecimento: Se olharmos a árvore genealógica da descendência do Senador Thomaz Pompeu, acrescendo-a das famílias de seus irmãos, é surpreendente e salta à vista o número de pessoas com o mesmo nome de Thomaz Pompeu, simplesmente ou com outro sobrenome agregado. Quem já leu Cem Anos de Solidão e nunca se perdeu no labirinto de Josés Arcádios e Aurelianos? O mesmo acontece com os Pompeu do Ceará, especialmente, no que tange a três personalidades que marcaram a História nos séculos XIX e o XX com o nome de Thomaz Pompeu, e que são costumeiramente confundidas entre si. O primeiro Thomaz da família a adotar os sobrenomes Pompeu e Brasil acrescentados ao sobrenome Souza, foi Thomaz Pompeu de Souza Brasil, o Senador Pompeu (nascido em 1818 e falecido em 1877); nome que doou absolutamente igual a seu terceiro filho, Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil (nascido em 1852 e falecido em 1929) e o terceiro foi Thomaz Pompeu Sobrinho (nascido em 1880 e falecido em 1967), neto do Senador Pompeu e sobrinho do Dr. Thomaz Pompeu. Com relação ao Instituto do Ceará, é fácil lembrar que o Senador Pompeu faleceu dez anos antes de sua fundação, portanto não pertenceu à Casa do Barão de Studart, embora seja sempre motivo de muitos estudos e pesquisas pelos membros do Instituto. Já seu filho, Dr. Thomaz Pompeu, foi o segundo presidente do Instituto e o presidente-fundador da Academia Cearense de Letras. E Thomaz Pompeu Sobrinho, filho de Antônio Pompeu e neto do Senador Pompeu, foi também presidente desta Casa e o auditório em que estamos o homenageia. Os três Thomaz Pompeu formaram uma sucessão de homens sábios que se distinguiram em seus estudos sobre o Ceará e em atividades a favor do Ceará.

Na introdução à edição fac-similar dessa admirável obra, publicada pela Fundação Waldemar Alcântara, no ano de 1997, em introdução intitulada "O Grande Livro do Ceará", Eduardo Campos assim analisa a obra:

> A Província do Ceará está presente em retrato ampliado nesse extraordinário livro escrito por escritor erudito, a partir da conceituação de seu território geográfico, clima e meteorologia, produções naturais, divisão política, projeção demográfica, riquezas de ordem pública e privada [...] o leitor privilegiado, de hoje, tem a oportunidade de fazer prospecção dos legítimos fundamentos do Ceará e de seu povo, graças à soberba inteligência de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, na especialidade um dos mais competentes estudiosos do Brasil, pesquisador que andou, a toda a certeza, surpreendentemente adiantado a seu tempo e a seus contemporâneos.

O papel de aglutinador de diferenças exercido por Thomaz Pompeu como Chefe do Partido Liberal é bem perceptível na *Correspondência do Senador Pompeu*, organizada e anotada por José Aurélio Saraiva Câmara e publicada, em 1960, na Coleção História e Cultura, pelo Instituto do Ceará, aliás selecionada em acervo maior que pertencia à Casa de Thomaz Pompeu (filho do Senador), como cartas de liberais e conservadores, amigos e ministros de diferentes gabinetes.

Na introdução a essa coletânea, em vários volumes, seu organizador José Aurélio Câmara, que foi sócio efetivo do Instituto do Ceará, comenta:

> Através de sua leitura nos transportamos à conjuntura política do 2o Reinado onde se afirmava, sólido e indiscutido, o prestígio político e intelectual do Senador Pompeu (p.4). ...Numa época tão diversa da nossa, em que o fator mental era condição de afirmação política, Pompeu teria que ser o que foi: a mais perfeita e íntima união do prestígio político e intelectual que registra a história do Ceará. (p.5).

Raimundo Girão, no seu opúsculo *O Senador Pompeu 1877-1977*[14], publicado no ano do centenário de morte do Senador, reforça a importância da atuação de Thomaz Pompeu como político: "Abre-se a sua retilínea e vitoriosa carreira política. O Partido Liberal será sempre seu grande campo de ação... Ninguém o excederá no cumprimento dos deveres partidários, e o faz sadiamente, elegantemente, superiormente, combatido mas respeitado."

[14] Edição da Secretaria de Cultura, Editora Henriqueta Galeno, 1977, p.15.

No mesmo ano do centenário de Thomaz Pompeu, os *Anais do Senado Federal* e a *Revista do Instituto do Ceará* registram as falas dos então Senadores Mauro Benevides e Virgílio Távora. O primeiro ressalta: "Se como jornalista revelou-se talentoso e culto, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil transformou-se em expressão legítima dos nobres sentimentos do povo cearense. Os Anais desta Casa, no período compreendido entre 1864 e 1877, consignam a sua notável e patriótica atuação e dedicação ao trato de assuntos da maior relevância para o Ceará e o Brasil"[15]; enquanto o segundo, depois de relembrar os feitos e obras do Senador Pompeu e de seu imenso prestígio político e intelectual, recorda: "Homem de grandes estudos, pertencia o Senador Pompeu a várias instituições entre as quais a Sociedade de Geografia de Paris, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), os Institutos Históricos da Bahia e do Maranhão, o Instituto Arqueológico de Pernambuco e o Instituto dos Advogados do Recife"[16].

Em seu primeiro discurso no Senado do Império, em sessão de 27 de julho de 1864, Thomaz Pompeu de Souza Brasil apresenta seus princípios políticos e éticos como liberal, lembrando que aspira "a fiel execução da constituição desenvolvida por leis e por actos govenamentaes, que não firão o seu espírito e nem sophismem a sua letra." Sua profissão de fé é imediatamente seguida por análise cuidadosa de questões como: necessidade de reforma eleitoral, falta de censo da população do Império, melhoria da instrução pública, reforma na organização da administração provincial, relações entre o poder temporal e o episcopal, entre muitas outras, sempre apoiadas em dados objetivos, muitos deles, com o uso de estatística, ciência que mal engatinhava na administração pública do país.

Ao longo dos treze anos de sua vida no Senado do Império, a sempre louvada cortesia de Thomaz Pompeu nunca foi empecilho para que discutisse e se posicionasse com coragem sobre questões candentes, como a já mencionada reforma eleitoral, em que usa palavras que parecem hoje proféticas: "é uma necessidade sentida no país, de tal sorte que se o Corpo Legislativo não cuidar em fazer a reforma, não direi radical, mas que traga à representação nacional a verdadeira expressão do voto da nação, o sistema representativo corre iminente risco de desacreditar-se entre nós"; sobre a guerra do Paraguai: "... enquanto o Gabinete se propuser a fazer a guerra no exterior, que é um sentimento geral da nação,

[15] *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 97, p.337.

[16] *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 97, p. 327-328.

não pode deixar de governar interiormente o país e ter uma forma, um pensamento de dirigi-lo"(sessão de 30 de maio de 1865, t.1. p, 76-77). Manifesta-se, especialmente, contra o fato de o governo não ter cumprido o que anunciara com relação ao fim da guerra: "Novos sacrifícios de sangue e dinheiro foram pedidos para esse minotauro que ameaça devorar o país inteiro" (sessão de 12 de setembro de 1867, p.335-351). Reclama da forma arbitrária de recrutamento de soldados (p.165, p.174,175, 191), entre tantas importantes questões nacionais e regionais. Reivindica reforma judiciária, analisa os orçamentos de Ministérios, defende professores. Em várias sessões, com relação à Província do Ceará, trata, reiteradamente, (p.210) de temas, como desmatamento, seca, necessidade econômica de construção do porto de Fortaleza e de estrada de ferro para escoamento dos produtos da Província.

Em seus últimos discursos no Senado, em 1877, sofrendo com agravamento de problemas cardíacos, interrompe os pronunciamentos, por não conseguir falar, pois sua respiração, grandemente afetada, o impedia de continuar. Mesmo assim, emite com firmeza suas opiniões de oposicionista liberal, nunca abdicando de sua fidelidade aos interesses do povo e da nação.

Entre cartas inéditas do Senador, dirigidas ao Coronel José Teixeira de Castro, Boticário Teixeira, chefe político em Aracati e, a partir de 1876, consogro do Senador, pois Dr. Thomaz, filho do Senador, casara-se, nesse ano, com Angela Rossas Teixeira, filha do Boticário e de Dona Francisca Rossas, há trechos que mostram seu desencanto com a política, a ponto de escrever, do Rio, a 20 de Maio de 1871: "Aqui, meu amigo, tudo é mentira; é um jogo infame com que se ilude o povo". Já em 6 de agosto de 1872, opina sobre a necessidade de reforma do senado para tornar temporário o mandato de senador, acabando com sua vitaliciedade. Há cartas em que trata de assuntos de intimidade da família, como sua alegria e de Felismina Carolina com o convívio carinhoso da nora Angela, em maio de 1876: "Hoje tive a satisfação de abraçar sua filha, esposa de meu filho, que ambos voltaram em paz [...] tratarei como minha filha a digna esposa de meu filho".

Entre muitos outros papéis que Thomaz Pompeu exerceu no Ceará e pelo Ceará, encontra-se seu pioneirismo em muitas áreas, como na formação de grupo para criar e instalar a tão necessária Estrada de Ferro de Baturité e os esforços para a construção do porto de Fortaleza, ambos

de vital importância para o desenvolvimento do Ceará, assim como, sua participação na criação da Diocese do Ceará, importante passo na História da Província.

No entanto, para não alongar-me mais, prefiro que, durante as atividades de comemoração do Bicentenário do Senador, nossos caros ouvintes possam conhecer, por pesquisadores de diversos campos, mais detalhes sobre diferentes ângulos do retrato de Thomaz Pompeu, não somente nos ensaios de membros do Instituto do Ceará, alguns já citados, a que acrescento os do consócio Melquíades Pinto Paiva, entre outros, como em trabalhos acadêmicos que se centram em estudos das falas do Senador no Parlamento, e publicações em livros, no jornal O *Cearense*, em documentos pesquisados no Instituto do Ceará, no IHGB, na Biblioteca Nacional e em outros importantes centros científicos e de divulgação, para análise da contribuição de Thomaz Pompeu para a Política e a Ciência no Ceará e no Brasil e como protagonista da História do nosso país no Século XIX. Entre esses trabalhos, cito alguns, como os de José Romário Bastos, Gabriel Pereira de Oliveira, Paulo César dos Santos, que foram orientados pelos Professores Régis Lopes e Kênia Rios, do Programa de Pós-Graduação em História da UFC; ressalto, também, trabalhos acadêmicos apresentados na USP por Manoel Fernandes Sousa Neto, hoje professor nessa Universidade.

Em capítulo de agradecimentos, destaco a imediata e entusiasta adesão do Instituto do Ceará à minha sugestão de que fosse aqui comemorado o Bicentenário de Nascimento do Senador Pompeu, nesta Casa onde, ao longo de 131 anos, vem sendo estudado, entre outros grandes temas relativos ao Ceará, o legado intelectual, político, científico, ético, social de Thomaz Pompeu, esse grande homem que marcou o século XIX em nosso Estado e no Brasil. Em especial, como sócia efetiva do Instituto e como descendente do homenageado, de quem sou trineta, com muita honra, agradeço as atenções de nosso Presidente Lúcio Alcântara, na preparação desta sessão: a honra do convite para ser oradora deste momento histórico; a relevante iniciativa de providenciar, pela Fundação Waldemar Alcântara, a digitalização e gravação de CDs contendo as falas parlamentares do Senador Pompeu, de grande valor para pesquisadores; além de ter gentilmente atendido a minha sugestão de que fosse recuperado o retrato a óleo do Senador - aqui agradeço ao restaurador Vlamir de Sousa o cuidadoso trabalho de que já falei -, e de incluí-lo na galeria de retratos que enobrecem as salas do Palacete Jeremias Arruda.

Estendo os agradecimentos aos meus ilustres consócios da Casa do Barão de Studart, pois conviver com nossos e nossas colegas é, para mim, constante aprendizado; em especial, à Profa Clélia Lustosa, pelo relevante papel na organização do programa que dará continuidade às comemorações do Bicentenário, interligadas com o evento Outubro Cultural, que será promovido pelo Instituto em sua quarta edição, no que contamos com o apoio imprescindível da geógrafa Marinez Feitosa, competente e gentil secretária-administrativa do Instituto; agradeço aos demais funcionários, sempre atenciosos, ressaltando a colaboração de nossa bibliotecária Bárbara e da coordenadora do Laboratório de Restauro, Edwiges Pinheiro Ximenes, Vivi. Do mesmo modo, apresento agradecimentos pelo apoio de Cláudia Queiroz Rabelo, Diretora-Administrativa Adjunta e Madalena Figueiredo, nossa Bibliotecária, da Academia Cearense de Letras, Casa de Thomaz Pompeu, assim chamada porque Thomaz Pompeu, o filho do Senador, foi seu primeiro presidente, minha casa há quase vinte e um ano.

Sou grata ao Prof. Titular da UFC, José Borzacchiello, geógrafo de renome nacional e internacional que, ao saber da ideia das comemorações do Bicentenário, incentivou-nos, com entusiasmo, a realizá-las. Agradeço a professores do Departamento de História, de Geografia e de Letras da Universidade Federal do Ceará, minha Casa desde que, adolescente lá entrei para cursar a Faculdade de Letras, e a professores de outras universidades que participarão de atividades do Bicentenário, em várias mesas redondas e conferências, exposições e análise do legado do primeiro Thomaz Pompeu de Souza Brasil, em várias áreas do conhecimento e da experiência humana.

Meus agradecimentos a Oswaldo Gutiérrez Filho, médico-cirurgião com talento de historiador, que certamente herdou os pendores de nossa família para a pesquisa histórica, companheiro de buscas sobre os ascendentes do Senador Pompeu e nossos também, em obras de Genealogia e História, em fotos e papéis de nosso acervo e em outros arquivos. Evidentemente não apresentei aqui tudo que pesquisamos, pois seria muito longo para minha fala introdutória. Às comemorações do Bicentenário do Senador Pompeu.

Para finalizar, lembro que não poucos cronistas da Fortaleza Antiga referem-se ao baobá plantado por Thomaz Pompeu, o futuro Senador, no Passeio Público de nossa cidade e que, ainda hoje, é uma das maiores atrações desse jardim. Diz a tradição oral que teria sido plantado na Praça

dos Mártires, em homenagem aos heróis da Confederação do Equador, entre eles, o Padre Mororó, a quem Thomaz Pompeu, como sabemos, era ligado por laços de sangue.

O Baobá do Senador, enriquecido pela conotação mitológica que essa árvore possui na religião yorubá como árvore-mundo que, por sua longevidade, guarda a memória dos povos, é, também, metáfora das origens africanas do povo brasileiro. Apesar de todas as condições adversas de seu sequestro e de sua sofrida viagem do continente africano à costa brasileira e do desrespeito à sua dignidade e liberdade, os diferentes povos da África que para o Brasil vieram, à força, durante mais de três séculos, enraizaram-se na terra brasilis, mesclando-se ou não a outros povos e etnias, estrangeiros e nativos, e participando do florescimento da nossa cultura de múltiplas faces.

Podemos, ainda, imaginar esse baobá, árvore que pode durar milênios, como um legado que representa outros legados do Senador Pompeu, que podem ser longevos e chegar ao futuro se continuarem a ser alimentados pelo solo fecundo de nossa memória cultural e científica.

(Conferência pronunciada por Angela Gutiérrez, sócia efetiva do Instituto do Ceará, vice-presidente da Academia Cearense de Letras, professora da Universidade Federal do Ceará e representante da família do homenageado, de quem é trineta, na Sessão de Abertura das comemorações do Bicentenário de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Senador Pompeu, no Instituto do Ceará, em 23 de agosto de 2018)